

Real é elogiado pelo BIS, mas Salomon Brothers recomenda cautela aos clientes

Para órgão internacional, plano teve êxito 'num país acostumado à hiperinflação'

José Meirelles Passos

Correspondente

● WASHINGTON. A diretoria do Banco de Compensações Internacionais (BIS), mais conhecido como o banco central dos bancos centrais de todo o mundo, com sede em Basileia, na Suíça, fez ontem um elogio ao Plano Real — e, ao mesmo tempo, um alerta ao Governo brasileiro sobre os passos a serem dados no futuro imediato. O controle da inflação, segundo a instituição, não poderá continuar dependendo da manutenção de altas taxas de juros.

Enquanto isso, o banco de investimentos Salomon Brothers, de Nova York, divulgou um estudo calculando que as economias da América Latina crescerão uma média de 2,8% este ano e 4,2% em 1997. Pelos seus cálculos, o Brasil crescerá apenas 2,5% em 1996 em 3,9% no ano que vem, apesar das autoridades econômicas nacionais mencionarem números sempre superiores a 4%.

Além de prever um crescimento menor para o país, a Salomon

Brothers informou aos investidores internacionais que está encerrando a situação brasileira “de maneira cautelosa”, por causa dos riscos de o país registrar crescentes déficits fiscais. Já o BIS reconheceu que a instituição da nova política econômica “tem sido mais exitosa que as reformas aplicadas anteriormente”.

Em seu relatório anual, divulgado ontem, o banco lembra que no início deste ano a inflação foi derubada para menos de 1% — “um feito considerável num país tão acostumado à hiperinflação”. No entanto, dizia a análise, a manutenção de um baixo índice de inflação “não pode depender indefinidamente da manutenção das taxas de juros num nível acima dos 15%”.

Documento defende disciplina fiscal

Segundo o BIS, para que o êxito seja completo é preciso haver “uma disciplina fiscal sustentada e uma reforma estrutural”. Na opinião de seus especialistas, o sucesso duradouro do Plano Real

dependerá “do êxito do Governo em lidar com temas fundamentais como a reforma fiscal, o controle das finanças públicas e a privatização de estatais”.

O BIS advertiu os países em desenvolvimento que as expectativas do mercado com referência à inflação poderiam crescer muito se os bancos centrais baixarem sua guarda quanto à manutenção da estabilidade de preços. “Se permitirem que a inflação suba novamente, as expectativas inflacionárias crescerão com rapidez surpreendente”, dizia o informe. Uma das recomendações contidas no documento é a de que os bancos centrais estejam preparados para utilizar a política monetária para ajustar a demanda, se ela deixar de crescer a um ritmo consistente com a estabilidade de preços.

Os recentes choques cambiais, como a crise do peso mexicano, demonstraram — segundo o BIS — que “o relaxamento de políticas fiscais, dificuldades políticas na manutenção de programas de ajuste e a fragilidade do sistema

financeiro podem minar a confiança no compromisso do Governo em relação à estabilidade”.

A direção do banco sugeriu que mudanças nas taxas cambiais poderiam ser úteis, em determinadas circunstâncias, para retificar desequilíbrios econômicos. E, além disso, alertou para a necessidade de uma reestruturação e consolidação do sistema.

Segundo o BIS, os lucros obtidos pelos bancos no mundo, no ano passado, não deveriam mascarar tal necessidade. “O fato de que a lucratividade dos bancos melhorou no ano passado não deve obscurecer os sérios desafios que o setor ainda enfrenta”.

Numa consideração mais ampla, a direção do banco afirmou que a cotação do dólar está bem em relação ao marco alemão e ao iene, medindo-se em termos da paridade do poder de compra, ajustada às diferenças de produtividade nos países. Calculado “em termos de taxas de câmbio de equilíbrio fundamental, o dólar está razoavelmente valorizado”, dizia o informe do BIS. ■